

RESENHA

Leonardo in Britain. Collections and Historical Reception. Organizado por Juliana Barone e Susanna Avery-Quash. Série “Biblioteca Leonardiana – Studi e Documenti”. Florença: Leo Olschki, 2019.

Maria Berbara¹

Submetido em: 24/09/2020

Aceito em: 19/11/2020

Publicado em: 09/12/2020

Leonardo da Vinci faleceu em Clos Lucé, um belo *château* localizado na região central do Val de Loire, França, em maio de 1519. Em seus sessenta e sete anos de vida, o grande polímata toscano havia não apenas pintado obras de arte assombrosas, mas também se dedicado ao estudo da anatomia humana e de diversos outros animais; criado artilúgios militares e bélicos; inventado máquinas de voo e submersão aquática; estudado ótica, geometria e matemática; teorizado sobre as artes e expressado, em diversos escritos, uma visão de mundo profunda, inovadora e extraordinariamente sensível. Quinhentos anos mais tarde, edições, eventos e mostras realizadas em várias partes do mundo o recordaram e celebraram. O Louvre, por exemplo, organizou uma grande exposição incluindo as cinco pinturas e vinte e dois desenhos do mestre que se encontram em seus acervos, além de documentos, análises de laboratório e obras de artistas próximos ao mestre; exposições de desenhos e códices foram montadas em Londres, Florença, Veneza e Turim; conferências foram organizadas e edições especiais lançadas em todo o mundo.

O livro *Leonardo in Britain*, publicado pela editora Leo Olschi na renomada série “Biblioteca Leonardiana. Studi e documenti”, faz parte dessas celebrações pelo 500º aniversário de sua morte. Editado por Susanna Avery-Quash, curadora da National Gallery de Londres (história do colecionismo), e Juliana Barone, historiadora da arte brasileira que,

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

formada pela Unicamp e estabelecida no Reino Unido, dedica-se ao estudo de Leonardo há mais de vinte e cinco anos, reúne dezenove artigos sobre diferentes aspectos da recepção da obra artística, científica e literária de Leonardo da Vinci na Grã Bretanha entre os séculos XVII e XX.

Leonardo é, possivelmente, o personagem mais célebre e universal do renascimento. Contemporaneamente, talvez somente Michelangelo rivalize com ele em termos de popularidade e apelo midiático. Parece extraordinário, hoje, que uma mesma pessoa possa ter se dedicado simultaneamente, e de modo sempre brilhante, a uma variedade tão ampla de assuntos como a perspectiva, anatomia, mecânica, ótica, botânica, zoologia, gastronomia, engenharia, astronomia, entre tantos outros. Leonardo deixou um número relativamente limitado de pinturas autógrafas, mas entre elas encontram-se a Santa Ceia de Milão, que redefiniu o esquema compositivo do tema, e a Mona Lisa, cuja fama e proeminência do imaginário popular supera, provavelmente, as de qualquer outra obra: segundo Henri Loyrette, ex-diretor do Louvre, 80% das 9.3 milhões de pessoas que visitaram o museu em 2009 queriam ver apenas o extraordinário retrato.² Além disso, Leonardo legou-nos uma abundante produção literária relativa a seus estudos, desenhos, invenções e concepções artísticas. Seu *Tratado da Pintura* – na realidade uma coletânea de seus manuscritos realizada postumamente – manifesta sua preocupação em estabelecer um novo estatuto para as artes. Para ele, a realização artística implica uma atividade mental, não mecânica, razão pela qual o artista é, acima de tudo, um pensador. Seu extraordinário *corpus* de desenhos – o qual inclui de ilustrações anatômicas a projetos bélicos; de expressões humanas a máquinas voadoras – expressa uma visão de mundo na qual arte e ciência exibem uma afinidade intrínseca.

Como os diversos artigos que compõem este volume demonstram, porém, a imagem de Leonardo foi, em séculos precedentes, muito diferente da

² Cf. artigo publicado no New York Times em 9 de outubro de 2009 (“On a Mission to Loosen Up the Louvre”, por Carol Vogel): <<https://www.nytimes.com/2009/10/11/arts/design/11voge.html>> (acesso em 10 de agosto de 2020).

atual. A essas grandes variações em sua fortuna crítica somam-se, ainda, particularidades geográficas que diversificam significativamente a maneira como seu legado artístico, teórico e científico foi recebido e interpretado em distintas regiões.

Um aspecto inovador do livro em exame é o seu foco na Grã-Bretanha – região que, contrariamente à França ou Itália, recebeu pouca atenção da academia no tocante à recepção de Leonardo. O recorte geográfico é importante na medida em que a circulação material de obras e a edição de livros determina, na primeira época moderna, modos específicos e enormemente diferenciados de se perceber o legado de pensadores e artistas. Na França, por exemplo, a teoria artística leonardiana foi, até o século XIX, compreendida à luz das ilustrações do *Tratado da Pintura* realizadas a partir de desenhos da figura humana feitos por Poussin. O modo como as obras de Leonardo circularam, em cada região, inclui a ação de mediadores que, em maior ou menor medida, reconfiguraram seu legado. A pergunta central deste volume, assim, é de que maneira essas ações e reações ao redor da produção artística, teórica e científica de Leonardo foram moldadas e moldaram a percepção sobre ele nas Ilhas Britânicas.

Os artigos que compõem *Leonardo in Britain* são divididos em três seções – “desenhos e pinturas: coleções e colecionistas britânicos”; “sobre o tratado da pintura: arte e ciência”; e “relendo Leonardo” – precedidas por uma série de textos introdutórios escritos, entre outros, pelas organizadoras, Alessandro Nova e Martin Kemp. Os oito artigos que compõem a primeira seção dedicam-se às coleções públicas e privadas britânicas de desenhos e pinturas de Leonardo, aí incluídas questões de originalidade, versões, cópias e exibição. Carmen Bambach, por exemplo, examina o cartão da Santa Ana no British Museum; Martin Clayton a Coleção Real e o álbum ‘Leonardo-Leoni’, o qual chega à Grã-Bretanha no século XVII; e Susanna Avery-Quash e Silvia Davoli a formação da coleção lombarda da National Gallery durante o século XIX, a qual, segundo as autoras, foi essencial para a percepção do legado artístico de Leonardo na

Grã-Bretanha a partir de então.

A segunda seção concentra-se nas obras científicas e teóricas de Leonardo. Os dois primeiros artigos investigam a recepção dos seus escritos nos campos da astronomia, anatomia, geologia, hidráulica e física na Grã-Bretanha do século XVII, e os seguintes examinam o impacto do *Tratado da Pintura*, publicado em inglês em 1721. São consideradas, entre outras questões, cópias manuscritas do *Tratado* em bibliotecas de artistas britânicos, diplomatas e antiquários (Barone); o legado – direto ou indireto, reconhecido ou não – dos códices Leicester, Arundel e Huygens entre cientistas e colecionistas britânicos (Laurenza); e, já entrando no século XIX, a chegada do cartão representando Santa Ana na Real Academia e a percepção de Leonardo por acadêmicos e estudantes entre o último quartel do século XVIII e as primeiras décadas do XIX (Saumarez Smith).

A terceira e última seção concentra-se no que se poderia chamar de recepção contemporânea de Leonardo, analisando questões primordialmente historiográficas surgidas entre meados do século XIX e o século XX. Embora, fundamentalmente, nesse período Leonardo já seja considerado, como hoje, uma figura absolutamente diferenciada no âmbito do Renascimento, há variações notáveis quanto à análise de seu legado por parte de acadêmicos e especialistas. Walter Pater (Østermark-Johansen), Jean-Paul Richter, Edward MacCurdy (Claire Farago), Kenneth Clark (Francesca Fiorani) e John Shearman (Alessandro Nova) criaram distintas releituras que, por sua vez, influenciaram notavelmente artistas, estudiosos e mesmo o grande público. Kenneth Clark, por exemplo, contribuiu para a criação de uma visão universal de Leonardo, a qual, na esteira primeiramente de Bernard Berenson, e, em um segundo momento, Aby Warburg, destaca aspectos simbólicos das suas obras e promove o que Francesca Fiorani chama de uma “abordagem eclética” do seu legado.

O volume aqui resenhado é um *tour de force*: ao longo de suas quase quinhentas páginas as organizadoras reuniram textos que, conjuntamente, tocam em todas as notas essenciais relativamente à recepção de Leonardo na Grã-Bretanha. Além de seus objetos específicos, o livro

captura a circulação de obras e artistas na Europa do Renascimento e o modo como essa fluidez impactou a seu legado local. O volume se insere, portanto, na linha dos estudos da recepção – o que, de fato, é sinalizado pelo subtítulo *Collections and Historical Reception* – e seu arco temporal especialmente dilatado o torna de interesse não apenas para estudiosos do Renascimento, mas, também, de períodos sucessivos, incluindo a história da arte contemporânea.

O século XXI, mesmo antes do quinto centenário, viu surgir uma expansão impressionante do campo dos estudos leonardianos. A digitalização e divulgação aberta, via internet, de suas obras e manuscritos, possibilitaram não apenas um aumento no número de pesquisas, como, também, facilitaram o acesso do grande público ao seu legado em escala mundial. Leonardo tornou-se, mais do que nunca, uma figura “pop”. Se os artigos reunidos neste volume demonstram, por um lado, o rigor intelectual de uma historiografia calcada em décadas de estudos avançados, por outro também iluminam caminhos futuros nos quais os diversos campos de atuação de Leonardo podem encontrar-se, virtualmente, diante de um público não-especializado. Quais novas pesquisas, interpretações, releituras e ressignificações de Leonardo essas novas pontes irão possibilitar? Se essas questões, em 2019, eram já prementes, em 2020 o são ainda mais, uma vez que a produção das artes, a transmissão do conhecimento e a circulação da cultura devem necessariamente, sob o impacto da pandemia de Covid-19, reinventar-se.